

## A experiência do Fórum Social Mundial e sua importância para a mobilização social

*Frederico Pacheco Lemos\**

“Sonho que se sonha só  
É só um sonho que se sonha só  
“Mas sonho que se sonha junto é realidade”  
(Raul Seixas)

**RESUMO:** Este artigo é um relato de minha experiência no Fórum Social Temático de 2012 associado a uma análise do processo do Fórum Social Mundial e de sua importância para a mobilização social que vise a superação do paradigma capitalista neoliberal.

**Palavras-chave:** *Fórum Social Mundial; movimentos sociais; crise civilizatória.*

**ABSTRACT:** This article is a report of my experience in the Thematic Social Forum of 2012 associated to an analysis of the process of World Social Forum and its importance to social mobilization that intends to overcome the neoliberal capitalist paradigm.

**Keywords:** *World Social Forum; social movements; civilization crisis.*

### **Breve análise de conjuntura**

A humanidade vive, hoje, um tempo de profunda crise. Em 2008 estourou mais uma das crises cíclicas do capitalismo e suas consequências devastadoras são sentidas até hoje tanto nas bases mais objetivas e materiais, como no campo econômico e ambiental, quanto no que diz respeito ao subjetivo, ao imaginário, pois os sentimentos e as projeções de futuro das pessoas são fortemente abalados em períodos de desestabilidade, quando reina a descrença. Como já dizia Karl Marx, em 1848, sobre a consolidação da sociedade burguesa: “Tudo o que era estável e sólido desmancha no ar; tudo o que era sagrado é profanado, e os homens são obrigados a encarar com olhos desiludidos seu lugar no mundo e suas relações recíprocas.” Concordo com a denominação de Crise de Civilização que alguns autores têm usado para descrever a atual conjuntura internacional (como Michael Löwy, por exemplo), por entender que esse quadro de crise

---

\* Graduando em Ciências Sociais (licenciatura) – UFF e ex-aluno do Colégio Pedro II, Unidade Descentralizada Niterói.

econômico-financeira associado a uma grave crise ecológica e a uma crise de legitimidade dos poderes políticos da democracia liberal indica a falência do modelo de civilização capitalista-industrial.

Para completar este quadro, os movimentos sociais tal como existem e se organizam hoje em dia – especialmente no Brasil - não têm dado conta de promover grandes mobilizações populares que possam tentar buscar soluções concretas e sistêmicas através de uma ampla revolução ou transformação da sociedade. Em vez disso, a tendência observada nesses movimentos sociais nas últimas décadas foi a fragmentação das lutas e a perda de seu caráter transformador ou revolucionário que foi trocado por um caráter apenas reformista. Isto é, se antes os movimentos sociais eram universalizantes por excelência, aproximadamente a partir da década de 1970 estes foram se tornando cada vez mais setorializados e menos inter-relacionados. E assim, passaram a lutar por soluções pontuais e conjunturais, sem mexer na espinha dorsal dos problemas, abrindo mão de uma união que visasse a uma transformação estrutural. E daí surge a grande importância do Fórum Social Mundial para a contemporaneidade: promover debates e ampliar a articulação e reunificação dos mais variados movimentos sociais de todo o mundo.

### ***Apresentação e breve histórico do FSM***

O Fórum Social Mundial (FSM) se reuniu pela primeira vez na cidade de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, Brasil, entre 25 e 30 de janeiro de 2001, com o objetivo de se contrapor ao Fórum Econômico Mundial de Davos. Sua Carta de Princípios define que “O Fórum Social Mundial é um espaço aberto de encontro para o aprofundamento da reflexão, o debate democrático de ideias, a formulação de propostas, a troca livre de experiências e a articulação para ações eficazes, de entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo, e estão empenhadas na construção de uma sociedade planetária orientada a uma relação fecunda entre os seres humanos e destes com a Terra.”

O FSM continuou se reunindo anualmente, passando por vários continentes diferentes desde a primeira reunião, na tentativa de dar continuidade ao processo de mobilização social de maneira democrática e incluyente.

Além do “grande” fórum que é o Fórum Social Mundial, o Conselho Internacional (CI) do processo FSM e os comitês e comissões organizadores de todo o mundo também construíram os fóruns sociais temáticos e os regionais. Esses fóruns cumprem o papel de internacionalizar e enraizar o processo do FSM.

O segundo e terceiro encontros, além do primeiro, também se realizaram em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Como parte do processo de construção da internacionalização do FSM, o Conselho Internacional decidiu que o encontro em 2004 (quarto encontro do FSM) seria realizado fora do Brasil: o local escolhido foi Mumbai, na Índia.

Em 2005 o encontro voltou para Porto Alegre e a construção da programação seguiu uma nova metodologia, aprovada pelo Conselho Internacional em abril de 2004, que buscou ampliar a convergência, multiplicar os diálogos durante o evento e evitar a repetição desarticulada de atividades sobre o mesmo tema. Já em 2006 o FSM foi pela primeira vez um encontro policêntrico, ou seja, ocorreu de forma descentralizada, em diferentes lugares do mundo. Três cidades sediaram o FSM 2006: Bamako (Mali - África), entre 19 e 23 de janeiro de 2006, Caracas (Venezuela – América) e Karachi (Paquistão – Ásia), entre 24 e 29 de março de 2006. “A edição de Karachi, originalmente, estava planejada para acontecer simultaneamente ao evento venezuelano. Porém, devido ao terremoto que atingiu o país em outubro de 2005, sua realização foi adiada por dois meses”, afirma o site oficial do FSM.

Em 2007 a edição do FSM foi pela primeira vez no continente africano e o local escolhido foi a cidade de Nairóbi, no Quênia. Uma característica importante da metodologia utilizada nesta edição foi a definição de um quarto dia de atividades voltado para a apresentação e socialização das propostas de ações que resultaram das reflexões durante as atividades autogestionadas realizadas nos dias anteriores.

Em 2008 o Conselho Internacional deliberou que não haveria um evento centralizado do processo FSM. O que houve foi uma semana de mobilização e ação global, marcada por um dia de visibilidade mundial em 26 de janeiro de 2008, além de fóruns locais, regionais, temáticos programados ao longo do ano.

No IX Fórum Social Mundial, em 2009, o encontro voltou para o Brasil e foi realizado na cidade de Belém, capital do Pará. Um dos que acompanhou o processo Fórum Social Mundial desde o início, o engenheiro Oded Grajew, fez uma declaração às vésperas desta nona edição ressaltando a importância do debate ecológico: *"A escolha da Amazônia não foi fortuita. É o primeiro fórum que vai ter a questão da sustentabilidade, do modelo econômico como predador do meio ambiente, provocador do aquecimento global e do esgotamento dos recursos naturais"*.

Na décima edição do FSM, em 2010, o encontro principal voltou a ser sediado na Grande Porto Alegre, mas o CI também organizou uma agenda com diversos encontros menores em vários países. A pretensão desta edição era sobretudo realizar uma retrospectiva de seus dez anos de existência, analisando os avanços obtidos nas lutas sociais até então e os novos desafios que o processo FSM teria de enfrentar nos próximos anos.

O FSM em sua décima primeira edição, ocorrida em 2011, se realizou pela segunda vez no continente africano na cidade de Dacar, Senegal. O objetivo do fórum foi principalmente reforçar as dinâmicas de resistência e de luta na África e entre o continente africano e o resto do mundo.

### ***Minha experiência com o Fórum Social Temático 2012: Crise Capitalista, Justiça Social e Ambiental***

Após essa apresentação do FSM, de seu histórico e suas lutas, relato a minha participação no Fórum Social Temático de 2012, que teve como eixo central os debates sobre Crise Capitalista, Justiça Social e Ambiental. Sob o tradicional slogan "Um outro mundo é possível" e o lema "É preciso reinventar o mundo", o fórum foi realizado entre os dias 24 e 29 de janeiro, na cidade de Porto Alegre e

arredores (Canoas, São Leopoldo e Novo Hamburgo), Rio Grande do Sul, Brasil. Um motivo de extrema importância para a realização do FST ainda no início do ano é a ocorrência da Conferência da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, que marcará os vinte anos passados desde a Eco92, em junho deste ano. Desta forma, o FST serviu também para reunir as entidades e lideranças sociais internacionais para debates prévios sobre como intervir nesta conferência através da chamada Cúpula dos Povos da Rio+20, evento paralelo a conferência oficial e que visa a pressionar as grandes potências por avanços nas conquistas pelos direitos ambientais e sociais de todos os povos.

Toda a atmosfera do FST ao longo desses cinco dias era “revolucionária”, isto é, todas as circunstâncias apontavam para um sentimento de que transformar o mundo em algo mais justo e solidário era não só possível, mas beirava o inevitável. Isso se dava, talvez, porque a maioria das pessoas que ali estavam reunidas já chegava convicta de que o capitalismo – sobretudo sob a sua mais recente forma neoliberal – foi incapaz de atender às necessidades humanas mais básicas que, por isso, um novo paradigma mais justo e eficaz de organização da humanidade precisa ser implantado. Sobre esse aspecto, aponto o aprendizado mútuo e a complementaridade de ideias que os espaços formais de debates e mesmo as conversas ao longo do dia com desconhecidos propunham como algo de extrema importância para os que participam do fórum. Pois, se este novo paradigma a ser implantado pretende ser fruto de uma construção coletiva e não conduzido por um grupo seleto de intelectuais de uma “vanguarda iluminada”, é fundamental que o debate seja democrático e tire conclusões que acolham a pluralidade de vozes dos oprimidos de todo o globo. Em outras palavras: as deliberações tomadas pelo FSM devem ser reflexo direto e sintético de todo o acúmulo gerado através das discussões realizadas.

O espaço do Fórum tornava possível encontrar com militantes dos lugares mais variados e aprender com eles, sabendo que se não fosse por aquele espaço esse encontro provavelmente não ocorreria e não haveria, conseqüentemente, essa experiência de troca de ideias e sentimentos. Vejo, portanto, o fórum

provocando dois tipos de influências em seus participantes enquanto indivíduos que devem ser valorizadas: primeiro, o aprendizado teórico e prático no que se refere ao acúmulo de debate político formal e estratégias revolucionárias; e, segundo, a alimentação da paixão revolucionária e da certeza de que as estruturas hegemônicas dominantes podem mudar – ambas essenciais para uma transformação efetiva da nossa realidade.

Boa parte da juventude que viajou para Porto Alegre para participar do fórum ficou instalada no Acampamento Intercontinental da Juventude. Lá, além de muitos debates políticos, aconteciam também festas com manifestações culturais e artísticas de todas as formas, criando um local mais descontraído e receptivo, propício a uma interação mais afetiva particularmente característica entre os jovens. Perto dali, existiam feiras de economia solidária, praças de alimentação orgânica, vegetariana e espaços de convivência e vida alternativa. Todos esses espaços contribuíam para agregar pessoas diferentes, formando um conjunto amplo e plural. Nesse sentido, o fórum cumpre bem o seu papel de ser uma instância internacionalista por conseguir reunir pessoas de diferentes localidades, estilos de vida e formas de militância política visando a uma construção coletiva que respeite as diversidades internas; ou seja, uma construção que seja unificada contra o modelo neoliberal e por um novo mundo, mas sem suprimir as individualidades inerentes a cada sujeito. Esse aspecto que acabo de ressaltar pode ser ilustrado fazendo uso das palavras do sociólogo português e participante ativo do processo do Fórum Social Mundial, Boaventura de Sousa Santos: “Lutar pela igualdade sempre que as diferenças nos discriminem; lutar pelas diferenças sempre que a igualdade nos descaracterize”.

Essa questão da diversidade se mostrou particularmente importante para mim também em um debate sobre o tema “Democracia Real Já!”, uma bandeira levantada por quase todos os movimentos do último ano (2011) que seguiam a ideia de ocupar as praças públicas, sendo a ocupação da Wall Street nova-iorquina a pioneira. Nesse debate estavam presentes: Leonardo Boff, Esther Vivas (escritora e ativista que participou intensamente do movimento espanhol dos

“Indignados”), um líder estudantil chileno, um palestino que presenciou a “Primavera Árabe” e mais representantes dos movimentos Occupy Wall Street, Occupy London e Transparência Hacker.

O acúmulo político gerado ali foi muito valioso. Era interessante notar que apesar dos convidados fazerem parte de movimentos distintos de lugares distintos, as falas sobre análise de conjuntura internacional se pareciam muito. A igualdade social como pressuposto básico para uma democracia verdadeira, a defesa de um estilo de vida mais harmonioso com a natureza (ou com a “Mãe-Terra” como gosta de salientar o Leonardo Boff) e a noção de que a construção democrática revolucionária se dá na prática cotidiana, visto que o processo de lutas é muito dinâmico eram teses fortemente defendidas pelos debatedores convidados.

Contudo, o processo do FSM não é merecedor apenas de elogios: algumas críticas são necessárias, principalmente para que possam impulsionar melhorias e soluções às dificuldades do fórum. Um aspecto negativo central do fórum foi a dificuldade na organização. A programação por ser muito ampla e composta por dezenas (centenas, talvez) de atividades autogestionadas, que estavam a todo tempo sujeitas a imprevistos, acabou se tornando confusa e desorganizada. Ao longo dos dias, a programação ia sendo alterada: eventos eram desmarcados e outros remarcados em locais diferentes, o que nos deixava, por vezes, um pouco perdidos. Outra característica negativa que pude observar ao longo das atividades eram as brigas e os ataques internos da própria esquerda (notadamente a esquerda brasileira). Por vezes, principalmente fora dos espaços formais de discussão do fórum, alguns membros de partidos e movimentos diferentes pareciam esforçar-se em criar diferenças e discordâncias, de forma até agressiva, que não contribuíam para nada senão ao próprio enfraquecimento da esquerda e diluição do espírito coletivo.

Além disso, chamo atenção à forte presença, por todo o fórum, de setores declaradamente aliados ao governo, o que pode comprometer a autonomia e o poder combativo de nossas lutas. Não que deva haver alguma restrição à

participação destes grupos no fórum, mas a coletividade que constrói o fórum deve reafirmar sempre sua autonomia ao governo e estes grupos podem compor essa coletividade na medida que se submetem às lutas da mesma, ou seja, às lutas contra o neoliberalismo. E claramente o governo federal não demonstra qualquer intenção de superação do paradigma neoliberal, embora possa nos confundir por ter tido sua ascensão através das lutas sociais. O sociólogo e editor do *Le Monde Diplomatique Brasil* Silvio Caccia Bava comenta na revista IHU (Instituto Humanitas Unisinos da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – São Leopoldo, RS) On-Line (edição 325) que no início de 2003 “houve uma certa euforia por parte dos movimentos no sentido de dizer ‘agora estamos lá’, porque Lula era compreendido como uma representação dos próprios movimentos que chegava ao governo. [...] Quando Lula assume o governo, ele chama um conjunto importante de lideranças desses movimentos para dentro do governo. O Ministro do Trabalho acaba sendo o ex-presidente da CUT; lideranças do movimento camponês acabam participando do governo também. [...] Acontece que isso gera uma confusão enorme, não se tem mais uma clara diferença do que é movimento e do que é governo. De repente, lideranças que, na sociedade civil, estavam fazendo pressão sobre o governo, no dia seguinte, elas são as autoridades sobre as quais se faz a pressão. Então, isso criou uma promiscuidade e uma dificuldade de compreensão dos diferentes papéis, o que contribuiu muito para desarticular a capacidade de pressão dos movimentos sociais”.

Chamei atenção a este ponto referente a autonomia do fórum por me lembrar de um debate sobre Direitos Humanos, Memória e Verdade em que um dos convidados era a ministra da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, Maria do Rosário. Nesta ocasião, a ministra reafirmava políticas do governo, como a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, que vão contra as nossas bandeiras de defesa da autonomia dos povos indígenas e de uma relação verdadeiramente equilibrada com a natureza, em nome de um “progresso”. A ministra ainda utilizava expressões como “desenvolvimento sustentável” e “economia verde” ao longo de seu discurso. O plenário ficou



fortemente dividido em dois grupos: um apoiador do governo, que aplaudia e louvava as palavras da ministra, e outro de oposição, que a vaiava e fazia questionamentos provocadores no decorrer de sua fala.

Depois da Maria do Rosário, quem teve a fala foi o sociólogo Boaventura de Sousa Santos, que fez questão de ressaltar: “O capitalismo só é verde nas notas de dólar”.

### **Conclusão**

Agora farei algumas conclusões baseadas em minha experiência com o Fórum Social Temático 2012 sobre a importância deste mesmo para a mobilização popular que vise à transformação social e emancipação humana.

A compreensão hegemônica atual do meio acadêmico é a de que os movimentos sociais ainda estão muito fragmentados – e o Brasil não foge a essa regra –, o que implica numa diminuição do potencial destes movimentos enquanto agentes transformadores da realidade social. Silvio Caccia Bava, por exemplo, assegura: “os movimentos sociais estão fragmentados e também encontram dificuldade de defender propostas de transformação social”. E é exatamente nesse cenário que o Fórum Social Mundial surge como uma importante alternativa para tentar-se aglutinar e organizar esses movimentos, respeitando sua diversidade mas buscando sobretudo suas convergências nas lutas.

Além disso, a humanidade tem presenciado novas formas de protesto e mobilizações, baseadas, sobretudo, em formas mais horizontais de organização, como as ocupações de praças públicas e as convocações via redes sociais (Facebook, Twitter). Faz-se importante, portanto, que exista este fórum de caráter internacional que possa realizar debates sobre a eficiência dessas novas formas de cidadania e que também reforce essas novas práticas de cidadania dando apoio e encampando-as junto às demais lutas sociais mais tradicionais. O FSM deve assumir essa função para dar continuidade ao seu processo que já tem vitórias e, principalmente, para que se renove constantemente, de modo que se

mantenha convidativo às novas formas de protesto e nunca perca seu caráter atual.

O ano de 2011, na esfera das lutas sociais, foi protagonizado pelos Indignados na Espanha, a Primavera Árabe, as manifestações estudantis no Chile, a resistência dos trabalhadores na Grécia e o movimento global de Ocupações. Estas novas formas de fazer política e questionar o paradigma – de profundas desigualdades e antidemocrático – capitalista renovou o horizonte de expectativas dos velhos movimentos sociais. Para que estes levantes populares sejam efetivamente absorvidos e multiplicados, é fundamental que existam espaços para a troca de experiências a nível global. O FSM pode e deve ser este espaço de intercâmbio que discuta e direcione qual caminho devemos tomar e quais ideais servirão de alicerces para o novo padrão de organização política que queremos construir. Pois, como apontou de maneira certeira um senhor num debate no fórum: em nosso tempo de crise, o novo ainda não surgiu e o velho ainda não terminou de morrer.

### Referências bibliográficas:

- SANTOS, Boaventura de Sousa. *O Fórum Social Mundial: Manual de Uso*. SP: Cortez, 2005.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- TOMAZI, Nelson Dazio. *Sociologia para o Ensino Médio*. SP: Atual, 2007.
- Movimentos sociais: Perspectivas e desafios. In: *Revista IHU On-Line*, nº 325, 19-04-2010. Disponível em <http://www.ecodebate.com.br/2010/04/23/movimentos-sociais-perspectivas-e-desafios>.
- <http://www.fstematico2012.org.br>. Acesso em 25/03/2012.
- <http://www.forumsocialmundial.org.br>. Acesso em 25/03/2012.
- “Moema Miranda do Ibase, faz um panorama do processo FSM 2010”. Disponível em <http://fsm10.procempa.com.br/wordpress/?p=1089>. Acesso em 18/04/2012.
- “Entrevista com Michael Löwy”. Disponível em [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/38e/art00\\_38e.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/38e/art00_38e.pdf). Acesso em 18/04/2012.